

Priscila Goldenberg

# O GUIA DO ENXOVAL DO BEBÊ NOS ESTADOS UNIDOS

Dicas e segredos da maior especialista de  
compras em Miami, Orlando e Nova York



© Priscila Goldenberg

|  |   |
|--|---|
| Diretor editorial<br><i>Marcelo Duarte</i>   | Projeto gráfico e capa<br><i>Mario Kanegae</i>                            |
| Diretora comercial<br><i>Patty Pachas</i>  | Diagramação<br><i>Camila Sampaio</i>                                      |
| Diretora de projetos especiais<br><i>Tatiana Fulas</i>                             | Colaboração<br><i>Ana Cardilho</i><br><i>Carolina Camargo</i>             |
| Coordenadora editorial<br><i>Vanessa Sayuri Sawada</i>                             | Preparação<br><i>Beatriz de Freitas Moreira</i>                           |
| Assistentes editoriais<br><i>Juliana Silva</i><br><i>Mayara dos Santos Freitas</i> | Revisão<br><i>Ana Maria Barbosa</i><br><i>Juliana de Araujo Rodrigues</i> |
| Assistentes de arte<br><i>Carolina Ferreira</i><br><i>Mario Kanegae</i>            | Impressão<br>Bartira  |

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Goldenberg, Priscila,  
O guia do enxoval do bebê nos Estados Unidos: Dicas e segredos  
da maior especialista de compras em Miami, Orlando e Nova York /  
Priscila Goldenberg. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2014. 144 pp.

ISBN 978-85-7888-379-9

1. Enxovais de recém-nascido. 2. Roupas infantis. 3. Roupas de lactante. I. Título.

14-15076

CDD: 646.31  
CDU: 687.244

2014

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Para todas as mulheres que vivem o sonho da maternidade.*



## Sumário

|                                    |            |
|------------------------------------|------------|
| <b>Introdução</b>                  | <b>7</b>   |
| <b>O enxoval ideal</b>             | <b>19</b>  |
| 1. Quarto do bebê                  | 22         |
| 2. Passeio                         | 38         |
| 3. Atividades e brinquedos         | 56         |
| 4. Higiene, saúde e segurança      | 60         |
| 5. Alimentação e refeições         | 69         |
| 6. Hora do banho                   | 83         |
| 7. Produtos especiais para a mamãe | 90         |
| 8. Roupinhas para o bebê           | 96         |
| <b>Dicas de viagem</b>             | <b>99</b>  |
| <b>Lojas</b>                       | <b>103</b> |
| <b>Depoimentos</b>                 | <b>138</b> |
| <b>Agradecimentos</b>              | <b>142</b> |
| <b>Lista de compras</b>            | <b>143</b> |



## Introdução

Meu nome é Priscila Goldenberg. Sou brasileira, filha, esposa, mãe, amiga e empresária. Minha história pode ser dividida em dois momentos: antes e depois de me mudar para os Estados Unidos. Vivi no Brasil, na cidade de São Paulo, até o ano de 2008. Nessa época, era gerente de uma grande empresa. Foram 17 anos dedicados a um trabalho que completava a minha vida profissional. Em paralelo, a vida pessoal seguia muito bem ao lado de meu marido Peter Goldenberg e com a felicidade de estar grávida de nosso primeiro filho, Lucas.

### A primeira gravidez

Depois de três anos de casamento, no mês de julho de 2007, Peter e eu resolvemos “engravidar”. Por mais que eu tentasse ficar “desencanada”, alguma tensão existia, e eu me pegava pensando: “Será que já estou grávida?”. Além disso, a família não escondia a expectativa. Sabe aquela tia que toda família tem? Pois é, eu a encontrava aos domingos, na hora do almoço, e ela disparava: “Acho que você já está com cara de mãe... Conta para mim, você está grávida, não está?”.

No mês seguinte, nada. Setembro veio e se foi, nada. Chegou outubro, nada. Até brinquei com meu marido: se não quiséssemos ou não pudéssemos ter um filho, talvez eu já tivesse engravidado... Não parecia justo – estávamos bem como casal, como pessoas, tínhamos uma ótima vida, e o bebê não chegava? Nos meses seguintes, nada. Nós sempre tirávamos férias no início do ano e combinamos que, se eu

estivesse grávida, faríamos uma viagem curta, caso contrário, iríamos para a África do Sul fazer um safári, um antigo sonho. Chegou o mês de janeiro e nada de gravidez. Marcamos o nosso safári para o começo de fevereiro e, é claro, engravidei em janeiro...

Foi uma viagem inesquecível, passei muito mal o tempo todo... Nunca pensei que usaria todos aqueles saquinhos que ficam armazenados à nossa frente, nos bolsos traseiros das outras cadeiras no avião, para casos de enjoos e mal-estar. No fim da viagem fomos para as Ilhas Maurício, no oceano Índico, e ficamos em um resort. Pensei: “Agora vou conseguir descansar...”. Pura ilusão! O hotel era 100% decorado com motivos indianos e havia incenso em todos os lugares – isso só aumentava o meu enjoo e eu não parava de vomitar...

Vomitei por três meses, sem parar. Dizia aos meus amigos e familiares que ia perder meu filho pela boca, de tanto passar mal. Meu obstetra e as mães à minha volta tentavam me convencer de que, em geral, depois dos três primeiros meses o enjoo acaba. Ainda bem que isso é verdade! Depois desse tempo não corria mais para o banheiro ao acordar, para encontrar meu amigo mais íntimo, o vaso sanitário. Não sentia nada, era estranho. Cheguei a pensar: “Aconteceu alguma coisa com o bebê, não estou passando mal”. Liguei para o obstetra e disse a ele que estava preocupada. Ele então me deu os parabéns, acrescentando que dali em diante eu poderia curtir a minha gravidez feliz e tranquila até o final.

Para mim, o período mais prazeroso foi entre o quarto e o sétimo mês. Nesse período eu me senti muito mais disposta. Era possível organizar os pensamentos e projetar o quarto do bebê. Aí começou aquela loucura de querer comprar todas as revistas das bancas de jornal e ler todos os blogs e pegar dicas de amigas que já tiveram filhos. Fiquei maluca com tantas informações e confesso que muitas delas foram desen-

contradas. Cada amiga com quem eu conversava mandava uma dica totalmente diferente. A diversidade dos modelos de carrinhos então, uma loucura! Alguns modelos eram amados por algumas mães, porém odiados por outras. Socorro! Por que não existia *personal shopper* naquela época?

Para comprar o enxoval do bebê, Peter e eu decidimos viajar para os Estados Unidos em junho de 2008, e meus sogros nos acompanharam. Eu estava completando o sexto mês de gravidez. Além de algumas indicações que tinha comigo, uma prima (que mora na Carolina do Norte e já tinha um bebê) pôde nos ajudar com muitas dicas de lojas. Sempre viajamos para Flórida, mas eu nunca tinha prestado atenção nas lojas para bebês, nos produtos e nas roupinhas. Era um mundo totalmente novo para nós. É claro que, mesmo com ajuda, adquiri artigos desnecessários e, com certeza, deixei de comprar itens importantes.

Foi uma loucura na hora de fazer as malas para retornarmos ao Brasil e felizmente deu tudo certo na alfândega brasileira. Chegando em casa era hora de fazer o café da tarde para mostrar a toda a família o enxoval do bebê. Na sequência, fomos ver os móveis, detalhes da decoração do quarto e o kit para o berço. Gosto de peças mais *clean*, sem desenhos. O quarto do Lucas foi todo branco e bege, e fizemos um painel de um safári. Por que será?

Lucas nasceu no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, no dia 14 de outubro de 2008, pesando 3,250 quilos. Ele chegou ao mundo por cesariana. Foi um parto tranquilo, em uma sala linda, com música de fundo. As janelas davam para uma vista de árvores, o cenário perfeito. Três dias depois recebemos alta e fomos para casa. Quando chegamos houve outra sensação de alegria, mas ao mesmo tempo de medo. Saímos de casa, depois de nove anos convivendo

juntos (o tempo de namoro e o de casamento), e voltamos com um bebê nos braços. Nesse momento, um olhou para o outro com a pergunta: “E agora?”

Contratamos uma enfermeira, a Naná. Ela nos ajudou durante trinta dias. Achei que foi perfeito, pois pude me recuperar da cirurgia e, ao mesmo tempo, ela me ensinava como cuidar do bebê, a rotina, os cuidados especiais de higiene, o controle de mamadas, os primeiros socorros. Essa ajuda foi fundamental e recomendo a todas que puderem ter uma profissional ao seu lado. No nosso caso foi uma ajuda valiosa porque, três meses depois, estaríamos sozinhos nos Estados Unidos, sem a ajuda de ninguém, somente Peter, o pequeno Lucas e eu.

## Uma nova vida nos Estados Unidos

Tudo estava perfeito. Tínhamos ótimos trabalhos, uma linda família, bons amigos e morávamos na cidade mais desenvolvida do Brasil. Seria até exagero se desejássemos mais. Acompanhando o desenvolvimento sadio e feliz do pequeno Lucas, a vida já estava mais que perfeita. E poderia ser melhor? Incrível, mas poderia sim!

No ano de 2008, Peter, que trabalhava em um banco multinacional, recebeu a proposta para trabalhar em Miami e teríamos de nos mudar para os Estados Unidos o quanto antes. Boas oportunidades na vida não devem ser deixadas de lado, e assim fizemos as malas. Saí da empresa em que trabalhava e começamos a planejar a mudança no início de 2009. Direcionei o foco para a novidade, para as descobertas positivas que teríamos com a vida em outro país. Quando me vi em Miami, adotei uma meta: “Sou mãe, estou em outro país, vou me dedicar à maternidade. Vou cuidar da casa e estudar inglês”.



Lucas, então com três meses, preenchia meu tempo quase por completo. São muitos os cuidados, os mimos, a graça de acompanhar o crescimento e o dia a dia de um bebê. Cada sorriso e cada novo aprendizado do meu filho enchiam meu coração de uma alegria que só as mães conhecem. Mesmo assim, a profissional que existia em mim e que tinha seguido uma boa carreira no Brasil andava inquieta. Enquanto a “mãe” se encantava com os progressos e as peraltices do Lucas, a “profissional” andava pela sala, avançava nas aulas de inglês, mas também considerava que só aquilo era pouco para ela. Durante alguns meses, a “mãe” venceu e se impôs no cenário familiar. No entanto, a “profissional” estava ali, de um sofá para o outro, dirigindo pelas ruas de Miami, devorando conhecimentos linguísticos, cultura local, e buscando algo que ainda não estava definido, mas que já incomodava o lado “profissional”.

Quando nos mudamos para os Estados Unidos, percebi que, na nova vida, alguns itens faziam falta. Comecei a frequentar as lojas locais. Miami é um paraíso para compras de todo tipo e, em especial, para artigos infantis. O que você puder imaginar de produtos para bebês, que sejam os mais fofos, lindos, diferentes, modernos e com preços sensacionais, estão nas lojas daqui. Assim, fui completando o enxoval do Lucas e, ao mesmo tempo, tentava acalmar o meu lado “profissional” que passava algumas horas fora do cenário maternal, andando pelas ruas da cidade, comparando preços, conhecendo as novidades e reconhecendo que tudo que se refere ao universo infantil é melhor e mais barato, comparando com o que havia no Brasil.

Nessas andanças, percebi que era grande o número de brasileiros fazendo compras na cidade. Eu estudava inglês e buscava me comunicar ao máximo na língua nativa, mas era impossível passar um dia sem ouvir

o bom e conhecido português. Um dia, estava em uma loja em busca de alguns artigos para o meu filho e notei que um casal brasileiro estava com muita dificuldade para se comunicar. Ofereci ajuda, expliquei aos vendedores o que o casal buscava e dei algumas dicas de quem já estava na cidade há seis meses. Meus conterrâneos ficaram agradecidos e fui para casa satisfeita.

Algum tempo depois, a mesma cena. Em outra loja, mais brasileiros estavam enrolados com as compras. Mais uma vez, ajudei o casal e saí do local contente com a minha performance. Ao dar a partida no carro, uma ideia surgiu. São aqueles instantes em que temos um *insight*: o tempo para, o pensamento cria um foco e se faz muito claro. A ideia surgiu na minha cabeça e tomou conta de mim. Pude sentir ali que a “profissional” havia dado um xequemate na “mãe”. Em silêncio, sem dar muitas pistas, ela estava na verdade agindo no meu subconsciente e agora se revelava. Eu estava ajudando brasileiros a comprar enxoval de bebê em Miami. Tinha feito isso como uma gentileza apenas, mas poderia ser um negócio, um trabalho. Por que não?

Eu continuaria a ser “mãe” do Lucas, teria tempo para ele e também teria algumas horas para que a “empresária” pudesse “sair do armário” e andar de cabeça erguida pelas ruas de Miami. Como *personal shopper*, mãe e profissional poderiam existir em harmonia? Estava ali a solução. Lucas receberia toda a atenção e todos os cuidados que merecia e eu poderia voltar a trabalhar, a exercer o meu lado de “mulher de negócios”. Nesse momento pensava: “Eu amo meu filho, mas vou enlouquecer se não trabalhar”. Estava decidido, eu seria uma consultora para casais brasileiros que desejavam comprar o enxoval de seu bebê nos Estados Unidos. Cheguei em casa eufórica, expliquei meus planos a Peter, e ele não só adorou a ideia como me apoiou totalmente.